

UMA HISTÓRIA DO CORPO NO TEATRO SETE DE ABRIL NA PELOTAS DO SÉCULO XIX

SARA TEIXEIRA MUNARETTO¹; ELISABETE DA COSTA LEAL².

¹ Universidade Federal de Pelotas – saramunaretto@hotmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – elisabeteleal@ymail.com

1. INTRODUÇÃO

O teatro Sete de Abril é um capítulo importante da história do estado do Rio Grande do Sul. Foi o primeiro teatro construído, e se não estivesse interdito, seria um dos primeiros do Brasil ainda em funcionamento. Apesar disto, não foi alvo de muitas pesquisas, salvo questões ligadas à arquitetura e algumas poucas exceções. Ele recebeu inúmeros artistas da região e também de projeção internacional. Chamou a atenção de viajantes que por aqui passaram, e entrou no circuito das artes que ligava Porto Alegre, Pelotas e Montevidéu e Buenos Aires.

Para o historiador Christophe Charle (2012), o teatro no século XIX configura um laboratório de nossa modernidade. Espaço das artes, a instituição que configura o principal meio de entretenimento do período é de suma importância para o desenvolvimento das relações dos hábitos e códigos morais da vida em sociedade.

Pesquisar este tipo de local impõe ao historiador a dificuldade de ter que lidar com certos movimentos que não foram por ele vistos. Diferentemente de um documento, ou um quadro, ou mesmo uma fotografia, o estudo de um espaço como o teatro pressupõe o contato com formas de arte (espetáculos, concertos) que ele não viu, e que sobrevivem basicamente de formas indiretas. Dessa maneira, creio que há a necessidade de articular diferentes possibilidades de pesquisa a fim de acessar o universo teatral do passado.

O corpo representa um desafio aos pesquisadores e artistas, por sua peculiar natureza. Os novos problemas e abordagens relacionados a ele atentam cada vez mais para a questão das relações de sociabilidade. No espaço teatral, que congrega diferentes vertentes artísticas, constitui um fator primordial na geração de significação. A produção gerada no espaço do teatro é fundamentalmente ligada ao corpo. Antes de ser um conhecimento mental, é uma experiência corporificada. As artes e o corpo constituem ambas, categorias históricas, pois compreendem fenômenos que implicam em continuidades e rupturas a certas referências e tradições. O que se desenrola no teatro são atividades profundamente relacionadas com as materialidades do corpo, e o contato entre artistas e público dá-se fundamentalmente através de uma performance.

Com este panorama, algumas problemáticas se projetam. Considerando que as práticas artísticas realizadas no Teatro Sete de Abril são iminentemente corporais, e que a relação artista X público dá-se via performance, que representa algo, é possível dizer que a relação entre corpos e as atividades em um teatro causam impactos e transformações nos modos de sociabilidade? Uma vez que o corpo empresta às artes do teatro uma realidade visível e palpável, as materialidades envolvidas neste fazer afetam ou são afetadas pelas posturas corporais, e vice-versa? Ou ainda, a paisagem do Teatro Sete de Abril teve para a cidade de Pelotas, a influência e a capacidade de configurar comportamentos e identidades?

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objetivo articular a história do corpo, a fenomenologia e a materialidade do teatro às fontes tradicionais da história (documentos escritos), a fim de construir a paisagem¹ deste importante espaço no século XIX.

2. METODOLOGIA

A primeira etapa desta investigação é a pesquisa histórica nas fontes selecionadas, que são:

- Cultura material: o teatro;
- Periódicos disponíveis no IHGPel;
- Atas e correspondências da Câmara Municipal;
- Jornais das bibliotecas de Pelotas e Rio Grande;
- Documentos do Programa Monumenta (Sec. De Cultura);
- Acervo do teatro: fotografias, programas.

A cidade de Pelotas não possui abundância de fontes escritas do século XIX, por isso esta seleção variada. Esta etapa está atualmente em curso. Em seguida, dar-se-á a aplicação das duas linhas teóricas fundamentais (a dizer história do corpo e fenomenologia) às fontes selecionadas.

Uma pesquisa sob a perspectiva da fenomenologia pressupõe algumas etapas, segundo Maria Aparecida Bicudo, as quais pretendo me utilizar no desenvolvimento do trabalho. A primeira consiste na descrição da experiência vivida. No caso de uma pesquisa histórica se poderia dizer que é a descrição do que está colocado nas fontes. A etapa seguinte é colocar em evidência os sentidos. Ou seja, é abordar o que dizem as fontes, estabelecendo unidades de sentido. Em seguida, vem o momento de estabelecer as unidades de significado, onde o pesquisador articula as informações que tem disponível. A etapa final seria a realização da síntese das unidades de significado estabelecidas. Em outras palavras, é o movimento de pensar do pesquisador (BICUDO 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este artigo consiste na apresentação de uma proposta de pesquisa em curso, que tornar-se-á minha dissertação de mestrado. Assim, na impossibilidade de apresentar resultados concretos, vou finalizá-lo com algumas considerações acerca do que espero alcançar com esta investigação.

Felizmente, o belo Teatro Sete de Abril ainda está de pé. Interditado. Incompleto. Ferido pelo tempo. Mas permanece. Sua materialidade imponente ocupa espaço no coração da cidade e dos pelotenses. Sua materialidade está, de certa maneira, “viva”, latente.

Há muito a cultura material assumiu parte importante no ofício do historiador. É indiscutível sua aceitação como fonte de pesquisa. Como

¹ O conceito de paisagem será adotado na pesquisa segundo Julian Thomas: “*um território que faz parte de uma série de relacionamentos entre pessoas e o ambiente, que subsidia um contexto para vida cotidiana*” (THOMAS, 2001: 175).

arqueóloga, que hora se aventura em um mestrado de história, me é impossível desconsiderar as possibilidades desse tipo de fonte. Conforme Thiesen:

A materialidade da cultura é a via de acesso do arqueólogo a outros aspectos da cultura. Isto implica considerar que um artefato constitui-se a partir de uma ação intencional e deve ser entendido como “*coisa física, produto e vetor material*” (Meneses, 1997:19) de relações sociais à qual “*o homem (a sociedade) impôs forma, função e sentido*” (Ib.). Assim, o artefato não apenas reflete comportamentos culturalmente determinados, como sobretudo promove, expressa e manipula interesses e objetivos políticos, econômicos e sociais. A relação de intencionalidade entre o indivíduo e o artefato produzido abre caminho para a compreensão de aspectos não materiais da cultura, a partir da sua materialidade (THIESEN 2005: 14).

Por outro lado, o próprio corpo, mesmo que buscado no passado, é ele próprio materialidade, que expressa, comunica, simboliza. Ele se faz humano porque vê a si mesmo, toca-se, sente-se, e ao mesmo tempo capta o mundo exterior a ele da mesma maneira. E assim, as coisas e o mundo tornam-se uma extensão dele, pois o corpo é a primeira condição existencial do ser humano. Trata-lo como cultura material poderia ser, a meu ver, uma maneira de humanizar o conhecimento, trazendo mais “vida” à construção dos discursos sobre o passado.

E é isso que pretendo realizar: uma construção da paisagem do teatro Sete de Abril no século XIX, acessando corporalidades do passado, colocando-me de corpo na investigação com o auxílio da pesquisa fenomenológica, chegando por fim, a um panorama das relações travadas por entre as cadeiras, camarotes e palco deste templo da arte, e sua relação com a cidade de Pelotas no século dezenove.

4. CONCLUSÕES

Em resumo, a importância desta pesquisa reside em alguns pontos principais. Um primeiro apontamento seria a escassez de trabalhos sobre o Theatro Sete de Abril, ressaltando-se algumas exceções. Da mesma maneira, a história do corpo tem sido há muito negligenciada. Um olhar minucioso sobre o corpo inevitavelmente traria à tona aspectos ligados às emoções, aos sentimentos e às lógicas mais subjetivas do sujeito, fazendo com que estas particularidades passem a integrar a produção do conhecimento histórico. É, talvez, a condução para uma humanização do conhecimento.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACEVEDO, Verónica Judith; GASTALDI, Margarita Rosa. Convertirse em Cachi Los Promesantes de la Virgen Del Rosario de Iruya Salta. In: RAMOS, Mariano (Org.). *Temas y problemas de la Arqueología Histórica*. Tomo II. Luján, Buenos Aires: PROARHEP, 2011. p. 355-368.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (Org.). Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica. São Paulo: Cortez, 2011.
- CENEVARO, S.; GAVAZZO, N. Cuerpos migrantes, comunidades crea(c)tivas. Reflexiones em torno de las identidades y performances bolivianas y peruanas em Buenos Aires. In: *Colección temas de Patrimonio. Buenos Aires Boliviana. Migración, construcciones identitarias y memoria*, L. Martínes (Ed.). Comisión para la preservación del patrimonio Histórico Cultural de la Ciudad de Buenos Aires, Argentina: Gobierno de la Ciudad de Buenos Aires, Ministerio de Cultura, 2009. p. 329-350.
- CHARLE, Christophe. A gênese da sociedade do espetáculo: teatro em Paris, Berlim, Londres e Viena. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- CONDE D'EU, Luís Filipe Maria Fernando Gastão de Orléans. Viagem Militar ao Rio Grande do Sul (Agosto a novembro de 1865). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. Disponível em: <http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/35/>. Acessado em: 03/10/2013.
- DUVAL, Paulo. Apontamentos sobre o teatro no Rio Grande do Sul e síntese histórica do Theatro Sete de Abril de Pelotas. *Revista do IHGRGS*. Porto Alegre, n. 97, p. 37-65, 1º trim. 1945.
- MAUSS, Marcel. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- PELLEGRIN, Nicole. "Corpo do comum, usos comuns do corpo". In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. *História do Corpo*. Tradução Lúcia M. E. Orth. 2. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2008. (1 vol.).
- PORTER, Roy. "História do corpo". In: BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 1992, p. 291-326.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de, 1779-1859. Viagem ao Rio Grande do Sul. Tradução Adroaldo Mesquita da Costa. 4. Ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1987.
- SANTOS, Klécio. Sete de Abril: O teatro do imperador. Porto Alegre: Libretos, 2012.
- THIESEN, Beatriz V. Fábrica, identidade e paisagem urbana: Arqueologia da Bopp Irmãos (1906-1924). Tese de doutorado. Programa de pós-graduação em História. PUC/RS. Porto Alegre, 2005.
- THOMAS, Julian. Archaeologies of Place and Landscape. In Hodder, Ian (org). *Archaeological Theory Today*. Blackwell Publisher Inc. Cambridge, 2001.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 7-72.